

Pampulha Lagoa abriga armas de 1964

Genival Tourinho participa de livro de memórias sobre Leonel Brizola que será lançado nesta quarta-feira (20) 20 de Julho de 2016 , 13:54

Pampulha Lagoa abriga armas de 1964

Genival Tourinho participa de livro de memórias sobre Leonel Brizola que será lançado nesta quarta-feira (20)



Foto: Acervo do Arquivo Público Mineiro

Reportagem: Larissa Veloso - Jornal O Tempo

No fundo da lagoa da Pampulha, atrás do que antes era um cassino e hoje é o Museu de Arte da Pampulha, jaz um segredo de 1964. Foi ali que Genival Tourinho e outros amigos se livraram dos fuzis e das espingardas que os incriminariam como parte da resistência ao golpe de 1964 contra João Goulart.

Essa história, à qual O TEMPO teve acesso em detalhes, faz parte do livro “Meu Avô Leonel: Frases, ‘Causos’ e Depoimentos de Brizola”, de Juliana Brizola e da jornalista Rejane Guerra, que será lançado nesta quarta-feira (20), no Rio de Janeiro.

Mário Genival Tourinho, com 31 anos à época, foi deputado estadual, um dos fundadores do MDB e conviveu com Leonel Brizola e João Goulart, dos quais era colega de partido, pelo PDT.

Em 1963, quando o então presidente Jânio Quadros renunciou, houve uma tentativa de impedir que o vice-presidente João Goulart, conhecido como Jango, tomasse posse. Jango conseguiu chegar ao posto, mas a classe política entrou em alerta sobre a possibilidade de deposição do presidente.

Tentando fundar grupos de apoio a Jango, Brizola começou a organizar, por meio do rádio, o que chamou de “Grupos dos 11”. Eram pequenas organizações responsáveis por fazer propaganda em prol da democracia e trabalhar para apoiar Jango. “Era um movimento paramilitar, no sentido de, quando chamados, compareceríamos todos para dar apoio às reformas de base do governo João Goulart”, explica Tourinho.

À medida que o dia 1º de abril de 1964 foi se aproximando, porém, ficou claro que um golpe militar estava no horizonte. Começou-se a formar uma reação. “Alguns grupos começaram a se armar. O meu se armou. Compramos armas, uma carabina 44, ficamos preparados”, explica Tourinho.

A ideia era embarcar num avião conseguido por ele até o Rio Grande do Sul, onde o Terceiro Exército estaria organizando, em tese, uma resistência.

Recuar. Acontece que o levante contra os militares não aconteceu. O próprio Jango fez um chamado pela paz. “Respeito muito os motivos, mas discordo. O que acontece é que a quarta esquadra norte-americana já estava preparada, os EUA mandaram armas, mandaram tudo. Alguns, sem entenderem a grandeza do Jango, acham que ele deveria ter resistido. Hoje eu entendo que o que ele fez foi salvar o povo brasileiro de uma luta fratricida horrível”, diz. Logo, João Goulart partiria para o exílio no Uruguai.

Também pelo rádio, surgiu a ordem do porta-voz do Grupos dos 11 para que cessassem qualquer resistência. Os integrantes foram aconselhados a se desfazerem das armas, uma vez que o arquivo central dos grupos tinha sido descoberto e batidas seriam feitas.

Foi então que Tourinho e seus companheiros reuniram todas as armas e as jogaram na lagoa da Pampulha. Hoje, 52 anos depois do episódio, ele acredita que os artefatos ainda estejam lá, mas em profunda deterioração. “Passados tantos anos, acho que já se corroeram, já se acabaram. A lama já tomou conta de tudo”, imagina ele.

Nem sinal. A reportagem procurou a Prefeitura de Belo Horizonte e a Polícia Militar para saber se alguma das armas já havia sido recuperada, mas nenhum dos órgãos soube informar se os artefatos foram recolhidos.

Ao longo dos anos, várias armas já foram encontradas na orla da lagoa, mas não se sabe se estariam relacionadas ao caso.



Lançamento

História. O livro que será lançado nesta quarta-feira (20) foi escrito pela neta de Leonel Brizola, Juliana. Ela aproveitou as memórias que tem do avô e também usou cartas e documentos inéditos.

Minientrevista

Genival Tourinho
Ex-deputado presidiu um dos Grupos dos 11

Qual era a sua relação com a política e com Brizola e Jango?

Fui filiado ao PTB e, depois, fui um dos fundadores do MDB - fui o quinto a me inscrever no livro de fundação do MDB. Convivi com o Brizola e fui amigo pessoal do Jango. Lancei um livro sobre isso, chamado "Baioneta Calada e Baioneta Falada" (Hoje o livro não é mais vendido em livrarias. Encomendas podem ser feitas pelo e-mail tourinho@uai.com.br).

Qual é sua visão sobre o governo Jango?

Ele estava tentando fazer as reformas de base, que não foram feitas até hoje. A reforma política é isso; estão tentando ainda e não conseguem realizar. O Jango teve 500 mil votos a mais que o Jânio Quadros quando foi seu vice (na época se votava em separado para presidente e vice). Foi mais votado que o próprio Juscelino. E o PTB era o partido que mais crescia. No ano seguinte, haveria eleições, e Jango seria eleito.

O senhor acredita que os EUA estavam prontos para atacar no caso de resistência ao golpe?

Eu mesmo mostrei ao Darcy Ribeiro (que foi ministro de Jango), no final de 1963, um fuzil norte-americano, que estava sendo distribuído entre fazendeiros na ocasião. Após 50 anos, muitos documentos do episódio se tornaram de conhecimento público nos EUA. Jornalistas obtiveram cópias de correspondências de um general norte-americano, ligado às forças do Exército, que incitava as pessoas a se preparar para deter o movimento armado.

O senhor chegou a sofrer perseguição durante a ditadura?

Quase fui cassado, cheguei a ser processado pela Lei de Segurança Nacional. Também sofri um atentado, quando estava dirigindo para o aeroporto, começaram a atirar contra o carro. (LV)

Repressão

Político foi condenado por falar de atentados

Genival Tourinho não foi investigado por se armar contra o golpe militar em 1964, mas sofreu as consequências do regime mais adiante.

“Foi duro. Eu denunciei. Fiz uma coisa que foi considerada maluca na época”, conta. Em 1980, quando atos de terrorismo começaram a surgir, Tourinho suspeitou que os autores fossem agentes da ditadura, e não da esquerda, e começou a citar nomes do que ficou conhecido como “operação Cristal”.

Como o regime já encaminhava para a abertura, Tourinho não poderia mais ser cassado, mas foi processado pela Lei de Segurança Nacional e condenado a seis meses de prisão. “Forçaram o Supremo a mudar o regimento, fizeram um julgamento secreto e me condenaram por cinco (votos) a quatro”. Tourinho acabou cumprindo a medida em semiliberdade.

Os ataques atingiram seu auge com a morte da funcionária da OAB-RJ Lyda Monteiro da Silva, com um explosivo, e o atentado ao Riocentro, com uma bomba que acabou explodindo no colo de um sargento. (LV)

[Enviar para impressão](#)